



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**RESSIGNIFICAÇÃO DA FESTA JUNINA:
Novos sentidos da quadrilha no interior do Rio de Janeiro**

Gisele Lucy Machado Rodrigues

Rio de Janeiro
2021

Gisele Lucy Machado Rodrigues

**RESSIGNIFICAÇÃO DA FESTA JUNINA:
Novos sentidos da quadrilha no interior do Rio de Janeiro**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Ary Pimentel

Rio de Janeiro
2021

Rodrigues, Gisele Lucy Machado.

Ressignificação da festa junina: novos sentidos da quadrilha no interior do Rio de Janeiro. Gisele Lucy Machado Rodrigues. - Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2021. (25 f.)

Orientador: Ary Pimentel

Monografia (Graduação em Letras habilitação Português-Literaturas)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Referências Bibliográficas: f. 35-36.

1. Festas Populares. 2. Quadrilhas. 3. Festas juninas. 4. I. Rodrigues, Gisele Lucy Machado. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021. III. Título.

RESSIGNIFICAÇÃO DA FESTA JUNINA:
Novos sentidos da quadrilha no interior do Rio de Janeiro

Gisele Lucy Machado Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. Ary Pimentel

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Data da avaliação: 20 / 12 / 2021

Examinada por:

Prof. Dr. Ary Pimentel

NOTA: _____

UFRJ (Presidente da Banca Examinadora)

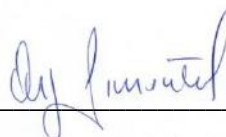
Prof. Dr. Rodrigo Fernández Labriola

NOTA: _____

UFRJ (Leitor Crítico)

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____



Rio de Janeiro

Novembro de 2021

Dedico este trabalho aos meus pais, Paulo Afonso e Maria Orli, pilares da minha formação, pelo apoio incondicional e pela dedicação à minha educação e caráter. Esta monografia é prova de que todos os seus esforços valeram a pena. E às minhas filhas, Kayllane Maria e Kemilly Amora, quero ser para vocês o exemplo que meus pais foram para mim e mostrar que sonhos podem se tornar realidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, perseverança e insistência. Por ter me sustentando em todas as vezes que achei que iria cair, que não me achei capaz de conseguir superar os obstáculos.

Aos meus pais, Paulo e Maria, e a minha irmã Michele Paula, que me ajudaram em todos os momentos que precisei, que não mediram esforços para que meu objetivo fosse alcançado. Ao meu pai, pois o tema desse trabalho vem da sua influência.

Às minhas filhas, Kayllane Maria e Kemilly Amora, para quem eu quero deixar o meu legado de conquistas e exemplos. Vocês são o motivo que não me deixa desistir. É tudo para vocês e por vocês.

Ao meu professor e orientador Ary Pimentel, que me auxiliou na germinação das ideias e durante todo o processo de desenvolvimento deste presente projeto, com quem compartilhei minhas dúvidas e angústias a respeito do tema e me guiou pelo melhor caminho com sua presença cheia de otimismo.

Aos meus colegas “Corujas”, com quem dividi alegrias, tristezas, angústias e muitas, muitas felicidades. Fomos além de uma turma, fomos os pioneiros do curso noturno da Letras-UFRJ, fizemos história.

Destes, agradeço ao João Paulo Silva e Michelle Araújo, os quais vieram para ficar e se tornaram grandes ícones na minha vida, pessoas ímpares além da sala de aula, que hoje são como irmãos e foram fundamentais no meu processo. Obrigada por todo apoio emocional que me deram e que foi fundamental para que eu chegasse até aqui, eu amo vocês.

Aos meus amigos, tão fundamentais ao longo desses anos, aqueles que não me deixaram cair, que acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava. Vocês são incríveis, eu não sei o que teria sido desse processo sem vocês : Andressa Carvalho, Jéssica Vidal, Stela Coutinho, Thiago Ferreira e Jéssica Dias. Este fechamento de ciclo não seria possível sem vocês, sem as incontáveis conversas ao telefone, sem os esporros, sem as correções dos meus trabalhos pelo celular, sem as cervejas pós expediente para desestressar. Aqui tem as lágrimas de vocês também.

Ao Paulo Henrique Severino Galieta, por ter me ajudado com as informações cruciais sobre o tema deste projeto, pelos longos áudios me contando e explicando com todo o entusiasmo e dedicação de quem ama nosso movimento junino.

A todos, o meu muito obrigada!

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1 A FESTA COMO LUGAR DA CULTURA	11
1.1 A FESTA COMO LUGAR DE LAZER	12
1.2 “PEDAÇO” DE ARRAIÁ	14
2 UM OLHAR QUADRILHEIRO.....	18
3 HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO TEÓRICO, ASCENDÊNCIA E ANTAGONISMO	23
4 SENTIDOS DA FESTA	25
5 OS SENTIDOS DAS LETRAS DE MÚSICA	29
6 CAMINHO DA ROÇA	33
REFERÊNCIAS	39

*A relação da cultura com a sociedade se modificou:
a cultura já não está reservada a uma minoria.*

Michel de Certeau

INTRODUÇÃO

Nilma Lino chama a atenção para a emergência de novos objetos e abordagens que derivam do ingresso de gerações de universitários improváveis nos últimos anos. Em seu texto “O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos”, essa importante intelectual negra questiona:

teremos sempre de nos reportar aos mesmos autores e aos mesmos clássicos para interpretar e compreender a nossa realidade? Será que, paralelamente ao que costumamos chamar de “clássicos” e que compõe o cânone acadêmico, não tivemos outras produções de caráter mais crítico e analítico que, por diversos motivos e até pela luta por hegemonia no campo do conhecimento, foram esquecidos, inviabilizados e relegados ao ostracismo? (GOMES, 2020, p. 232)

A proposta deste trabalho visa entender e desafiar os paradigmas dos momentos históricos já enraizados, e adentrar uma realidade paralela de pessoas que vivem um movimento pouco conhecido e talvez pouco explorado no âmbito do que conhecemos e entendemos por cultura. Esse é um universo em que um pequeno coletivo de pessoas luta pela democratização da cultura junina e sua ressignificação dentro do conceito cultural da nossa sociedade, independentemente de regionalismo, crenças ou mesmo de religião. Esta monografia surge, portanto, da correlação entre minha trajetória pessoal e meu envolvimento com as quadrilhas que se afirma no meio junino na cidade do Rio de Janeiro e os processos próprios de um curso de Licenciatura em Letras no trabalho onde a representação do feminino aparece como imbricação e entrelugar desses dois mundos.

Ao dar o pontapé inicial para este projeto, foram surgindo os questionamentos de colegas, professores e familiares, pois sequer conheciam o universo das quadrilhas juninas do Rio de Janeiro antes de eu apresentá-las a eles. Perguntas como: “Mas quadrilha não é coisa de nordestino?”, “Você só dança na Feira de São Cristóvão, né?” ou “Essa quadrilha só tem na Baixada, nunca vi isso na Zona Sul!” foram se tronando frequentes. Estes questionamentos curiosos e inusitados me levaram a dialogar diretamente com a problemática levantada por Nilma Lino Gomes em seu texto publicado no livro *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* quando diz que “as narrativas trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais grupos sociais podem apenas ser representados” (GOMES, 2020, p. 231). Por este e tantos outros motivos, eu decidi trazer uma narrativa desconhecida para muitos, até então, com uma visão feminina, de uma cultura que,

nas concepções já consolidadas na nossa sociedade, são pertencentes a um grupo específico de pessoas e associados a uma determinada região do país.

Nilma Lino Gomes coloca a colonialidade como apenas o resultado de uma imposição do poder e da dominação. Estamos tão acostumados com o tradicional que não nos abrimos para novos horizontes e novas culturas. Invisto neste trabalho a partir de um enfoque na primeira pessoa para mostrar que nossas produções são feitas por pessoas concretas e reais, que pensam e vivem em uma sociedade, motivadas pela quebra de pré-conceitos e esteriótipos de uma literatura que precisa urgentemente ser descolonizada.

A partir das minhas próprias experiências com perguntas de curiosos e indagações próprias, cheguei ao objetivo crucial deste trabalho, ressignificar o que as pessoas pensam sobre Festa Junina no Rio de Janeiro e mostrá-los o meu ponto de vista, um olhar feminino de dentro do próprio movimento. Busco identificar e articular algumas peculiaridades deste movimento cultural tão importante e tão vivo na minha realidade e de tantos outros quadrilheiros espalhos estado afora. Tento mostrar e entender um pouco do modo como as pessoas de fora nos enxergam, como enxergam nossa dança, nossos passos, nosso ritmo e nossa música. Além, é claro, pretendo divulgar um pouco do mundo quadrilhas juninas que ainda resiste no Rio de Janeiro, a partir do ponto de vista de uma dançarina que também ocupa um lugar no mundo acadêmico.

Na maior parte deste trabalho, atrevo-me a escrever na primeira pessoa do singular pois compartilho momentos da minha trajetória como quadrilheira e meu envolvimento pessoal com mundo junino carioca. Creio que essa descrição é fundamental para estabelecer uma aproximação da realidade vivida por mim, com meu leitor, a quem dedico-me a apresentar um contexto deveras desconhecido e mostrar minha voz como pesquisadora inserida nesta forma de cultura. Em seu texto *A invenção da cultura*, Roy Wagner diz que “é apenas por meio deste contraste experienciado que sua própria cultura se torna ‘visível’ ”. É esta visibilidade da cultura junina que eu quero trazer para este trabalho monográfico.

1 A FESTA COMO LUGAR DA CULTURA

A compreensão de uma outra cultura envolve a relação entre duas variedades do fenômeno humano; ela visa a criação de uma relação intelectual entre elas, uma compreensão que inclua ambas.

Roy Wagner

A quadilha é um ritmo de dança presente na Festa Junina, uma tradicional festa que ocorre no mês de junho, com festejos associados à celebração de quatro santo: Santo Antônio (dia 13 de junho), São João (dia 24 de junho) e São Pedro (dia 29 de junho). Um momento bastante anterior, entretanto, é considerado como o início das preparações para as festividades. Ou seja, a abertura do ciclo junino, acontece dois meses antes, no dia de São José, dia 19 de março.

Ao longo dos anos, a dança em associação à música tem-se feito presente nos mais diferentes entendimentos da cultura, seja como entretenimento, lazer, vida em sociedade, rito de iniciação, como eram os bailes da corte para apresentação das moças jovens ou forma importantes da sociabilidade de diferentes grupos e comunidades. Independentemente do modo como era relacionada ou da forma como se apresentava, a música e a dança estão interligadas ao processo de expressão cultural e passam por um processo contínuo de mudanças e transformações, diretamente associadas ao contexto no qual está inserida.

A ideia de que o movimento junino é um elemento típico da cultura do estado do Rio de Janeiro é um ponto a ser debatido, dado que gera polêmicas até mesmo por seus próprios participantes. A dança de quadrilha, por ser vista como tradicionalmente nordestina, gera um certo preconceito nos brincantes de outros estados. Mas como se poderia delimitar tão restritivamente o que é ou não cultura de determinada região? Roy Wagner, em *A invenção da cultura* observa que “uma vez que toda cultura pode ser entendida como uma manifestação específica ou um caso do fenômeno humano, e uma vez que jamais se descobriu um método infalível para ‘classificar’ culturas diferentes e ordená-las em seus tipos naturais, presumimos que cada cultura, como tal, é equivalente a qualquer outra” (2010, p. 29).

Somos seres culturais e, como tais, constantemente ultrapassamos os limites de nossas próprias convenções. O conceito dos festejos juninos vem justamente quebrar paradigmas geográficos e aproximar realidades, assim como bem traz para o universo urbano a figura do agricultor, representada, por exemplo, em São José, popularmente entendido como Santo da Colheita no Nordeste brasileiro, pois, segundo as crenças, a chuva do dia 19 de março é chuva de fartura da safra agrícola.

O significado de cultura, segundo Roy Wagner, é construído com base em vivências compartilhadas, mediante uma troca entre as pessoas. Nas quadrilhas juninas, a construção dos movimentos coreográficos passa por este processo de troca, tanto entre seus componentes, como entre seus criadores. As ideias são compartilhadas e construídas em uma via de mão dupla, em que todos podem contribuir, unificando e aproximando os componentes, fazendo-os participar do processo de construção e não somente das apresentações.

Toda cultura pode ser entendida como manifestação específica de determinado grupo social. Para conhecer uma cultura não basta ler sobre ela. É preciso estar inserido e participar ativamente. Saber sobre seu objeto de estudo é mais do que simplesmente ler textos, preparar slides ou mesmo escrever livros sobre ele. É preciso encontrar evidências em vivências para que seu estudo seja verdadeiramente significativo; ao vivenciar uma nova cultura, seu pesquisador pode, efetivamente, passar por uma mudança em sua personalidade, pois o que antes era estranho e desconhecido, passa agora a fazer parte dele, de seu conhecimento e assim modificar seu ponto de vista acerca do mundo e daquela cultura propriamente dita.

É por meio da experiência que a cultura se torna visível e palpável. Antes de estar inserida no movimento junino, eu era apenas uma mera espectadora. Agora, essa cultura faz parte de mim, faz parte de quem eu sou. Pensando nesse conceito, cito Roy Wagner quando diz que “no ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura” (2010, p. 31). Coloque-me neste projeto na posição de antropóloga, que por meio da minha experiência, me integrei a uma cultura “criado” por muitos outros, mas também pelo meu olhar. Essa é uma cultura que modificou meu ser e minha forma de ver o mundo, meu modo de ouvir as músicas e até mesmo a maneira de participar do mundo social como um todo. Ver a cultura em torno de mim desse modo me tornou parte do processo de construção da mesma e, ao mesmo tempo, pesquisadora, sujeito e objeto desse estudo.

1.1 A FESTA COMO LUGAR DE LAZER

O tempo de lazer, entretanto, é chamado de tempo livre justamente porque nessas horas – apesar das limitações impostas pela pobreza – o trabalhador escolhe. Entre o futebol de várzea, o circo, a festa de aniversário ou a excursão a Aparecida do Norte, há campo para decisão.

Ruth Cardoso

Em seu livro *Festa no pedaço*, José Guilherme Cantor Magnani apresenta como tema o lazer, mas não qualquer forma de lazer, mas sim aquela que “é parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraído de sua rotina

semanal” (2007, p. 19). Pensando na dança de quadrilha como lazer, temos uma realidade bem parecida com a apresentada no livro, que enfrenta uma semana árdua de trabalho, sonhando e idealizando com o fim de semana para usufruir do que lhe é prazeroso.

O livro de Cantor Magnani busca trazer ao conhecimento as formas de entretenimento que a população da periferia preenche seu tempo de lazer. O movimento junino carioca nada mais é do que uma dessas formas de lazer em que algumas pessoas das regiões periféricas do Rio de Janeiro buscam seu entretenimento.

Podemos comparar as quadrilhas juninas do Rio de Janeiro aos “movimentos sociais urbanos”, se tal movimento cultural é espontâneo ou produto de um trabalho organizado. A verdade é que por trás de qualquer quadrilha junina, há uma equipe de organizadores e idealizadores que trabalham arduamente por meses para chegar ao momento de apresentação do espetáculo.

Em sua grande maioria, os grupos juninos cariocas são formados por pessoas na faixa etária acima dos 18 anos de idade, jovens solteiros, adultos casados, pais e mães de família, que trabalham de segunda a sexta-feira, como é o meu caso e, às vezes, aos sábados e domingos por escalas. A dança acaba por ser uma espécie de refúgio dos problemas diários, das obrigações domésticas, das preocupações com a família. Poderíamos mesmo entendê-la como uma válvula de escape para a vida corrida do cotidiano de trabalhadores de ambos os sexos e diferentes idades.

A Baixada Fluminense, Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro, é um mundo que apresenta sérios problemas de mobilidade torna difícil acesso ao Centro da Cidade para quem sai dessa região. Muitos de nós acordamos às 5 horas da manhã ou mesmo antes disso para enfrentar um engarrafamento de até três horas para chegar ao local de trabalho. No final do dia, serão necessárias outras duas horas ou mais para voltar a casa.

Apesar do pouco interesse despertado pelas condições de vida dessa população da periferia, precisa-se levar em consideração que há peculiaridades neste povo menos favorecido ou representado que merecem ser estudadas. Magnani assinala: “existe, entretanto, toda uma realidade que faz parte do cotidiano dessas populações, mas que normalmente escapa às atenções e foge do interesse político imediato: é o bar da esquina, são os clubes de futebol de várzea, as ‘casa do norte’, os bailes populares (forrós, rodas de samba, funk soul)” (2007, p. 25). Por que seria diferente com as festas juninas?

Os bairros periféricos do Rio de Janeiro são mal vistos devido à violência e também por estarem associados à existência de comunidades. Carregam a ideia de que as pessoas que moram lá nunca “serão alguém na vida”, estando fadados a fazer parte do tráfico ou a se

envolver com qualquer tipo de atividade ilegal. Os grupos juninos por diversas vezes foram julgados erroneamente, associados a patrocínios de traficantes locais pelo simples fato de pertencerem a estas comunidades.

Considerando o crescimento da cidade, as festas juninas no Rio acabaram tornando-se festas popularmente como de bairro, interioranas, mas a grande realidade é que nossas apresentações, nos grupos em que estive, estavam presentes em bairros consideravelmente luxuosos da Zona Sul e Norte do estado. A festa e a tradição popular é levada para o espaço dos ricos em que, sua maioria, nunca viu uma apresentação de uma quadrilha, a não ser aquelas das festa escolares, como “Olha a cobra, uh, é mentira” ou as quadrilhas *country*¹.

A forma de entretenimento que estamos considerando o movimento junino não se deteriorou através dos tempos. O primeiro grupo junino carioca data de 1956 e é o Grupo Sampaio. No ano de 1956 também surge a Show de Ramos, segunda quadrilha carioca, que mantém suas atividades até hoje. Infelizmente, nos anos de 2020 e 2021, não ocorreram os festejos juninos em nenhuma cidade brasileira devido à pandemia do novo Corona Vírus (COVID-19). Entretanto, os grupos não foram desarticulados. Há movimentos nas redes sociais bastante ativos, reproduzindo vídeos antigos, fazendo enquetes e mantendo vivo o movimento que está adormecido pelas circunstâncias do momento. Há pequenos vínculos que formam laços de sobrevivência e precisam ser reconhecidos, principalmente em momentos de tantas dúvidas e incertezas.

O lazer se manifesta através de inúmeras modalidades em municípios do Rio de Janeiro como Duque de Caxias, Andaraí, Nova Iguaçu e Campo Grande. Nesses locais, o lazer de um seletto grupo de pessoas é dançar quadrilha. As festas de aniversário dos familiares, o casamento de um amigo ou o próprio baile funk da rua de trás são momentos que dão lugar a noites mal dormidas em 4 ou 5 arraiás por final de semana. E o que são os arraiás? Em que modalidade da diversão popular se enquadraram?

1.2 “PEDAÇO” DE ARRAIÁ

Se o “pedaço” é o espaço e ponto de referência privilegiado para a fruição do lazer, ele próprio é em parte resultado dos laços de sociabilidade que as diferentes formas de entretenimento estabelecem e reforçam.

Cantor Magnani

Em seu texto “Lazer dos trabalhadores”, Cantor Magnani traz como “ ‘pedaço’ um componente de ordem espacial a que corresponde determinada rede de relações sociais”. O

“pedaço” de nós quadrilheiros é o arraiaá. Os arraiaás, são os locais em que ocorrem as festas nas quais fazemos nossas apresentações. Essas festas acontecem nos mais variados locais, desde festas de igrejas à festas organizadas em comunidades por traficantes locais.

Segundo o dicionário, arraiaá ou arraial é “cenário para festas juninas que imita antigos lugarejos do interior”. Consideramos o arraiaá como o espaço físico e demarcado em que ocorrem as apresentações juninas, eles são sim decorados como pequenos vilarejos, predominando as bandeirinhas coloridas, a presença de uma fogueira e barraquinhas decoradas com palha e milho, como nas fazendas, por exemplo.

O quadrilheiro junino deve estar preparado para se apresentar em todos os tipos de arraiaás e estar ciente de todas as adversidades que este pedaço pode trazer com ele. Dançar, cantar, sorrir e acertar as coreografias já não parece uma missão muito fácil, imagine ter de fazer tudo isso em uma ladeira.

Como quadrilheira, já me apresentei em arraiaás com chão de terra barratida, lama, paralelepídeo, ladeiras e até mesmo em pequenas áreas internas de condomínios residenciais. O que considero mais desafiador foi dançar em uma quadra com piso de tacos de madeira, brilhantemente polidos e escorregadios.

Dentro do estado do Rio de Janeiro, a locomoção dentre os arraiaás é bem grande. A maioria dos lugares são distantes geograficamente e demandam, por vezes, horas de viagem e engarrafamentos. Quando há apresentações próximas às casas dos componentes ou mesmo da concentração do grupo, a comoção é geral. Amigos, familiares, conhecidos, admiradores comparecem para nos prestigiar e homenagear.

Como bem cita Magnani, “pertencer ao «pedaço» significa poder ser reconhecido em qualquer circunstância” (2010, p. 39). Isso acontece com os quadrilheiros por conta de nossa indumentária. Atualmente no Estado do Rio somos em média de 40 a 50 grupos juninos e geralmente nem todos os componentes se conhecem. Mas ao chegar a um arraiaá, antes das apresentações, conseguimos nos reconhecer pelas roupas que utilizamos. Cada grupo monta suas indumentárias de acordo com o tema apresentado naquele ano, estas roupas nos classificam e identificam.

Em seu outro texto “O circuito: poposta de delimitação da categoria”, José Guilherme Cantor Magnani diz que “naquele pedaço, os frequentadores, vindos de várias partes da cidade e até de outros municípios, não necessariamente se *conheciam* (por laços de vizinhança, parentesco) mas se *reconheciam*, seja pela exibição de marcas estampadas nas camisetas, nos cortes de cabelo...” (2010, p. 3). Esse reconhecimento no mundo junino é facilmente

identificado por pessoas pertencentes ao movimento junino, por nossas indumentárias, alegorias e cenários.

Uma indumentária feminina no estilo roça deve ser composta por vestidos coloridos, bordados com rendas, pedrarias, lantejoulas e todo tipo de aviamentos reluzentes, armados com anáguas, sapatilhas ou sapatos com saltos grossos, meia calça, luvas e uma maquiagem com brilhos e cores combinando com a roupa. Já os rapazes contam com uma proposta cromática que combinem com os vestidos das damas, devidamente ornamentados e decorados com os mesmos brilhos, aviamentos e na cabeça, chapéus ou ferragens, as quais chamamos de coroas, completando o conjunto.

Já as indumentárias do estilo salão podem ser reconhecidas principalmente pelas saias femininas, que são confeccionadas em tamanhos que variam de 7 a 8 metros de roda. As roupas da quadrilhas de salão são suntuosas e luxuosas, levando golas, ombreiras, resplendores e magas bufantes e claro, muito brilho. Os cavalheiros seguem o mesmo luxo e esplendor que suas damas.

Em uma das mais antigas federações juninos do Rio, a FIGDQUERJ (Federação Independente De Grupos De Danças De Quadrilha Do Estado Do Rio De Janeiro), traz em sua proposta de competição a ideia de circuito, chamado Circuito FIGDQUERJ. Magnani traz circuito como “sua capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial, foi a de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano” e é exatamente o que acontece no circuito junino.

O circuito da FIGDQUERJ é formado por um conjunto de arraiás. Como já citado anteriormente, os arraiás acontecem em diferentes pontos geográficos da cidade. Estruturalmente falando, os grupos apresentam-se nos arraiás participantes do circuito a fim de serem avaliados por jurados competentes em cada um deles, sendo-lhes atribuídos uma nota. O conjunto dessas notas é somado e a não participação ou atraso em qualquer um dos arraiás marcados, implica perda de pontuação ou mesmo a desclassificação do grupo na final do circuito.

Após a soma das notas, há um ranking em que os quinze grupos participantes com as melhores notas são classificados para disputar as finais e destes quinze, classificam-se onze que são grupos de roça e cinco de salão. O circuito é propriamente finalizado após a entrega do Troféu Luiz Gonzaga, uma premiação para os melhores quadrilheiros da temporada, o que acontece comumente no mês de agosto.

Além de aflorar o espírito competitivo do quadrilheiro, o circuito faz com que o grupo tenha uma maior visibilidade, pois tem muitos locais para se apresentar. Através destas

apresentações, surgem convites para eventos particulares, por exemplo, como as festas de condomínio, festas escolares e até mesmo casamentos. São estas festas que o grupo consegue arrecadar fundos para suas necessidades ao longo da temporada junina, pois são festas em que cachê é recebido, ao contrário das danças federadas, nas quais não há remuneração alguma. Cada quadrilha pode escolher se quer ou não ser filiado a qualquer federação, mas uma vez filiado, há a obrigatoriedade em participar do circuito ou dos arraiás classificatórios.

2 UM OLHAR QUADRILHEIRO

“Quadrilheiro junino é todo profissional que utiliza meio de expressão artística cantada, dançada ou falada transmitido por tradição popular nas festas juninas.”

(Lei 12.390/11, Art. 2º, Parágrafo único)

Meu primeiro contato com o mundo junino aconteceu antes mesmo de aprender a andar. No início dos anos de 1990 começa a minha história de amor com o São João. Meu pai, Paulo Afonso Rodrigues, me levava para os meus primeiros arraiás. Eu mal andava e não poderia dançar, mas lá estava eu, a frente do grupo junino, de chupeta na boca, com pouco mais de um ano de idade.

Além de presidente de um grupo junino, meu pai era organizador, junto de outras pessoas, de alguns eventos nos quais os grupos se apresentavam. O São João nasceu em mim através dele e se hoje estou aqui contando esta história, devo todo crédito ao seu apoio, incentivo e amor ao longo de todos estes anos.

Desta época, não tenho muitas memórias, mas tenho recordações em algumas filmagens em fita cassete e aos poucos retratos que eram tirados por fotógrafos locais, que as vendiam posteriormente aos rostos refletidos nas imagens ou a seus responsáveis.

FIGURA 1 – De casaco branco e calça verde à frente do Grupo de Dança Folclórica Explosão da Serra



Fonte: acervo pessoal, 1993

Minha “primeira casa”, foi o Grupo de Dança Folclórica Explosão da Serra, uma quadrilha de salão, o qual meu pai presidia. À época, já com 7 ou 8 anos de idade, eu já tinha a vontade de usar o meu vestido pomposo, cheio de brilhos, anáguas e bambolês, mas não foi tão simples assim. Eu sempre fui uma criança bastante levada e arteira e por este motivo, minha mãe, Maria Orli Machado Rodrigues, não me deixava dançar. Eu ia aos ensaios com meu pai, participava, dançava, mas na dança de verdade, a mãe não deixava ir. Minha irmã, Michele Paula Machado Rodrigues, a época com 14 anos, minha mãe deixava dançar, por ser mais velha, mais responsável e mais comportada. Ela era o meu espelho. Eu queria me vestir como ela, dançar como ela, mas não podia.

Os anos foram se passando e o São João foi sendo deixado de lado na minha vida. A Explosão da Serra encerrou suas atividades no ano de 1998, meu pai não presidia mais nenhum grupo e, eu e minha família, nos afastamos do movimento. Foi no ano de 2011 que voltamos acompanhar os arraiais cariocas, junto do Grupo de Dança Folclórica Forró Bodó. Este fora fundado por Paulo Henrique Severino Galieta, que havia sido marcador da Explosão da Serra e após o encerramento desta, fundou a outra no ano de 1999.

Somente no ano de 2016 que eu tive a experiência do meu primeiro São João, dançando, dentro de uma quadrilha. Minha segunda casa foi a quadrilha Chico Halley, por direção e presidência do Cosme José, que figura é ele. Neste ano, representei o grupo em reuniões de federações e participei de eventos como o Rainha do Mundo Junino, em que foi verdadeiramente minha primeira apresentação com uma roupa de quadrilha.

O destaque a qual fui presenteada na Chico Halley foi o de Rainha, um dos mais importantes dos grupos juninos cariocas. Ao final da temporada, fui indicada ao Troféu Luiz Gonzaga, como melhor Rainha da temporada 2016, ficando em 4º lugar.

FIGURA 2 – Quadrilha Junina Chico Halley



Fonte: acervo pessoal, 2016

A Chico Halley e todas as pessoas que conheci lá, foram grandes presentes na minha vida, foi lá em que aprendi a ser quadrilheira, foi onde participei de uma família e me diverti dançando, como realmente deve ser.

No ano de 2017, me apresentei juntamente à minha amada Forró Bodó, mais uma vez sendo agraciada ao cargo de Rainha. Eu vinha á frente do grupo, como puxadora, vestida de azul, representando todos os devotos a Nossa Senhora de Aparecida. O tema apresentado pelo grupo neste ano, era sobre fé.

FIGURA 3 – Quadrilha Junina Forró Bodó, apresentação na Igreja de Santa Terezinha



Fonte: fotografia de Manu Albuquerque, 2017

Emoção é a palavra que define o ano de 2017. Ainda hoje consigo sentir a intensidade que me toma a cada apresentação. A pele se arrepiava a ver que o público se emocionava com nossa performance. Ao fim de cada apresentação, nos invadia um sentimento de dever cumprido pois sabíamos que tínhamos dado o nosso melhor para aquele público.

Antes da semifinal de uma das federações da qual fazíamos parte, a Figdquerj (Federação Independente dos Grupos De Quadrilha do Estado do Rio de Janeiro), eu havia sofrido uma torção no pé esquerdo, que estava muito inchado e praticamente impossível calçar o sapato, imagine dançar. Mas lá estava eu, mancando, sapato nas mãos, vestida com a minha indumentária luxuosa de rainha, descendo as escadas da concentração, amparada pelo meu cavalheiro e então namorado Luiz Philippe Borges Lima, quando passamos pelo presidente da

Federação, Célio Esteves, e ele me pergunta como eu iria dançar daquele jeito. Eu apenas sorri e disse que dançaria. E foi exatamente assim, com um sorriso no rosto, eu entrei no arraiá para fazer o que eu mais amava que era dançar quadrilha. Ao final da apresentação, eu saí carregada, não suportava mais a dor. A recompensa veio depois, ficamos em primeiro lugar naquela apresentação.

FIGURA 4 – Sendo carregada ao final da apresentação de semifinal no Social Ramos Clube



Fonte: Acervo pessoal, 2017

O ano de 2018 foi o último em que participei como dançante de um grupo junino. Minha casa foi a Quadrilha Junina Festejo Junino, que teve seu início e fim em 2018. Os grupos juninos do Rio de Janeiro não recebem nenhum tipo de financiamento ou patrocínio por parte de governos, prefeituras ou quaisquer outras instituições, privadas ou públicas. Muito pelo contrário, por vezes, estas instituições dificultam a vida e sobrevivência dos grupos, o que é apenas o início dos problemas de uma quadrilha junina carioca.

A Festejo Junino foi uma dessas quadrilhas prejudicadas em diversos aspectos. Os representantes do grupo eram inexperientes a frente de um grupo, tiravam dinheiro do próprio bolso para investir em fundos para que o grupo pudesse fazer um belo São João. E muitos eram os gastos, com ônibus, ornamentação, adereços, indumentários dos componentes de linha, o que geram muitos gastos. Por conta do gasto excessivo, não foi possível continuar no ano seguinte.

Trazíamos como tema nada mais nada menos que os principais festejos do Brasil, como a Festa da Cerveja, o Frevo e o a própria Festa Junina. Mais uma vez fui contemplada com o cargo de Rainha e vinha representando a Festa do Carnaval. Foi um ano muito complicado, de muitas dificuldades financeiras e brigas dentro do grupo. Faltava organização e havia muita fofoca entre os componentes. Isso acabou prejudicando o nosso desempenho ao longo da temporada junina.

Além de todos os problemas internos do grupo, eu e meu cavalheiro tivemos problemas também com a indumentária, desbotando, machucando, rasgando. O acessório principal de um quadrilheiro é a sua vestimenta e, se você não se sente bem com ela, nada vai ficar bem. Desse modo podemos dizer que o ano de 2018, para mim, foi um grande desafio a ser superado, em todos os sentidos. Guardo comigo as recordações e os amigos que fiz ao longo daquela temporada junina, que, até o momento, foi minha última.

FIGURA 5 – Quadrilha Junina Festejo Junino, Shopping Nova América



Fonte: Fotografia de Adriano Rodrigues, 2017

Dançar, participar da festa e fazer parte dos ritos da quadrilha é o que eu mais amo, e permanecia o mesmo. O sorriso estampado no rosto mostra a felicidade de estar ali. Ainda hoje, as sensações permanecem as mesmas. Escrevendo cada linha e relembando cada foto, as memórias ainda são nítidas e até mesmo palpáveis, vão além do campo imaginários e figuram a realidade.

3 HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO TEÓRICO, ASCENDÊNCIA E ANTAGONISMO

A compreensão de uma outra cultura envolve a relação entre duas variedades do fenômeno humano; ela visa a criação de uma relação intelectual entre ela, uma compreensão que inclua ambas.

Roy Wagner

De acordo com estudos da cultura popular brasileira, a cultura junina teve início por volta do século XIII e posteriormente foi adaptada à cultura francesa. Desenvolveu-se nos salões nobres da sociedade francesa com o nome de quadrille, tornando-se popular a partir do século XVIII. “Esse tipo de dança (*quadrille*) surgiu em Paris no século XVIII [...] Consta de diversas evoluções em pares e é aberta pelo noivo e pela noiva, pois a quadrilha representa o grande baile do casamento que hipoteticamente se realizou” (RANGEL, 2008, p. 51).

A quadrilha chegou a Portugal e com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, ela chegou ao Rio de Janeiro, onde se instala a Corte a partir de 1808. Segundo Rosa Maria Zamith (2011), em suas buscas realizadas em institutos, bibliotecas e museus no Rio de Janeiro, um dos registros mais antigos data de 1825. A pesquisadora afirma ainda que, nesse ano, havia relatos da visita ao Brasil de Graham Edm Hamond, oficial da marinha, que, em seu diário de viagem, descreveu a dança de quadrilha em mais de uma ocasião (2011, p. 82).

Nos bailes da Corte, os homens usavam roupas de gala e as mulheres usavam seus vestidos com anáguas e mangas bufantes, típicos da nobreza, o que posteriormente deu inspiração aos primeiros vestidos das quadrilhas de salão.

Ainda que sendo uma dança oriunda dos grandes salões aristocráticos, a quadrilha foi se adequando e adquirindo, com o passar do tempo, um jeito mais popular. Esta mudança também foi relatada por Rosa Maria Zamith, por volta do século XIX, quando começou a perceber que a dança que antes acontecia em diferentes momentos de festa, passou a vigorar em movimentos festivos ligados diretamente ao calendário religioso. O camponês chega a esta dança, pelas constantes peças teatrais da época, que apresentavam o homem sertanejo, caipira, muitas vezes de forma cômica, o que agradava o público que prestigiava (2011, p. 125).

Zamith relata também que pelo século XIX começa o processo de mudança no dançar quadrilha. Em vez de acontecer em vários momentos festivos e espaços sociais, passou a acontecer em momentos festivos juninos ligado ao calendário da igreja. Já no século XX, os grupos juninos já se espalhavam por diversas regiões do Brasil sendo, até hoje, uma cultura mais popular nas cidades do norte e nordeste do país e em grandes capitais como o Rio de Janeiro e Vitória.

Entretanto, cada região do país foi desenvolvendo suas próprias especificidades e características particulares, de acordo com a cultura típica local, tornando a quadrilha uma grande mistura do *quadrille*, da valsa, saruê, quartilho, minueto e até mesmo da valsa.

Os primeiros grupos de quadrilha no Rio de Janeiro datam de após 1920. Eram grupos de dança e encenação – assim como ocorre roça³ – de forma não oficial e apenas para preservar a cultura. Após a aparição das quadrilhas de roça, surgiram no Rio de Janeiro as primeiras quadrilhas de salão, foram os grupos Sampaio, fundada em 1956 e Show de Ramos, fundada e, 1962. Nestes grupos, as vestimentas mimetizavam a indumentária das mulheres nobres dos salões do século XVIII: panos e mais panos nas saias, anáguas grandes e com armações de ferro, mangas bufantes e grandes chapéus.

4 SENTIDOS DA FESTA

As danças e cantos da quadrilha constituem um meio simbólico de enfrentamento coletivo a temas aparentemente irrelevantes, mas que podem assumir grande importância para os integrantes da quadrilha e para a comunidade. Constituem também um meio para que os indivíduos rompam com seus papéis tradicionais e aproveitem uma lacuna nas rotinas – um lapso fora do ordenamento tradicional da sociedade – durante o qual performam diante do coletivo um papel diferente daquele que assumem no cotidiano, ritualizado uma dimensão de protagonismo individualizado.

Falar sobre os festejos da quadrilha é ajudar a compreender o que separa a vida dessas mulheres e homens da experiência situada em um espaço-tempo distinto, o da festa. As festas são reconhecidas pelos moradores como o momento culminante do ano, conforme destacamos anteriormente, constituem um rito que ocupa o lugar importante na memória local, na medida em que se incorporam ao calendário há muitas décadas, sendo conhecidas por várias gerações de moradores.

Originalmente as festas eram realizadas em fazendas ou em espaços fechados da cidade, mas logo passaram a ocorrer nas ruas. Durante a festa, impera um período de vigência do hiato constituído por uma outra temporalidade, quando se impõe uma visão distinta acerca da vida das pessoas e das relações entre elas, especialmente as mulheres. Nesse tempo excepcional (tempo fora do tempo), a performance das dançarinas lhes abre um espaço de protagonismo em clara oposição ao tempo do cotidiano, marcado por uma condição de subalternidade.

Além das danças, as músicas compostas especialmente para os momentos de competição, são igualmente importantes para se pensar a passagem da vida comum para os dias da festa, momento excepcional em que o sentido se desloca para essa espécie de irmandade que é a quadrilha.

A festa pode estabelecer umnexo entre o grupo da quadrilha e o bairro onde esta se organiza ou onde está situada. O bairro onde habita a maioria dos seus integrantes é o espaço das transações mundanas que se ressignificam no espaço da avenida onde se ritualizam as relações auratizadas da festa.

O deslocamento do olhar e do sentido da experiência é potencializado por um deslocamento geográfico no corpo da cidade. As pessoas interrompem suas atividades cotidianas e fazem um longo trajeto em automóveis, ônibus fretado ou transporte municipal para prestigiar a festa como público ou dela participar como integrantes da quadrilha.

Dadas as características geográficas e urbanas locais, muitos moradores também podem assistir à competição das janelas de suas casas. A dança das quadrilhas é sempre acompanhada por músicas que podem ser as tradicionais obras do cancionero popular, terem sido compostas especialmente para aquela temporada de festas juninas ou serem sucessos de anos anteriores, tal como ocorre nos bailes de carnaval.

Diante dos jurados, os dançarinos evoluem mais detidamente ao som de músicas associadas a essa festa. Destacando-se na coreografia, há contribuições individuais que podem se tornar marcantes e influem para que os participantes de uma determinada agremiação conquistem um lugar de destaque, conduzindo a novas apresentações já como campeões. Muitas dessas são apresentações que permitem o grupo e alguns de seus participantes passem à memória de toda a comunidade.

Ao longo do trajeto dançado, aqueles que participam da quadrilha são eventualmente aplaudidos mais efusivamente quando passam pelos pontos onde há maior concentração de moradores de seu bairro ou quando a qualidade das evoluções é particularmente reconhecida pelo público.

Alguns homens e mulheres das quadrilhas se preparam ao longo do ano inteiro para o momento especial. A apresentação e, eventualmente, a conquista dos primeiros lugares na competição representam o ponto mais alto no contexto do tempo excepcional da festa, sendo que à medida que se aproximam as semanas dos festejos, intensificam-se os preparativos e é maior a expectativa em relação ao momento excepcional determinado pelo ritual e pelos papéis assumidos no contexto da quadrilha.

Na biografia de muitas e muitos destaca-se como um acontecimento importante a experiência de ter sido dançarina ou dançarino da quadrilha. Seja pelo efêmero reconhecimento coletivo, seja porque isso permite um deslocamento dos papéis tradicionalmente designados para figuras subalternizadas, o fato é que essa experiência passa a ser considerada muito importante, especialmente do ponto de vista dos atores da festa.

Talvez o momento mais importante da festa, expressão do estabelecimento de uma temporalidade especial, seja o contato com o público num ritual marcadamente simbólico no qual o corpo do dançarino é ressignificado. A existência anônima e infame dessas pessoas comuns tem seus rápidos momentos de reconhecimento ao ocupar o lugar de centro das atenções.

A apoteose da festa é também a celebração do corpo dos dançarinos. É o corpo em movimento e evolução coletiva que desperta a atenção e as emoções dos presentes. Por parte dos principais atores que encarnam a festa vive-se uma espécie de transe mágico que se rompe

no final da festa quando se dá a substituição da entidade que incorporou o mistério da dança pela pessoa comum que retorna o seu cotidiano. A entidade ausente se manterá em suspenso e só retornará no próximo período de quadrilhas no ano seguinte.

Assim, uma vez que contrapõe duas temporalidades, a quadrilha põe em contexto dois universos muito diferentes: a ordem cotidiana em que imperam lógicas de dominação dos corpos subalternizados, e a harmonia desordenadora [a ordem efêmera e excepcional] dos dias de festa, quando se valorizam, nos domínios do rito e da competição, virtudes, habilidades e potências que não estão presentes no dia a dia.

Isso ocorre apenas no contexto da festa, mas, inegavelmente, se reflete nos momentos posteriores, quando aspectos do empoderamento feminino operado no momento da festa podem desordenar a vida cotidiana tradicional. Considerando esses aspectos simbólicos associados ao protagonismo dos sujeitos na festa, podemos entender a importância que adquire a experiência na biografia de um indivíduo que integra a quadrilha. Essa experiência tem um papel fundamental na constituição de certas subjetividades.

Enquanto alguns aspectos podem dizer respeito apenas à quadrilha, outros estão constantemente imbricados na vida cotidiana, não sendo raros os conflitos matrimoniais diante da hostilidade de um dos cônjuges à participação do outro na quadrilha. Há uma dimensão de liberdade ou de realização da liberdade que se dá no interior da quadrilha e através de suas dinâmicas.

Os diversos momentos da festa, sejam os momentos principais da apresentação, sejam os momentos secundários do deslocamento de casa para o lugar da competição ou ainda os processos de preparação das apresentações, todos assinalam esse tempo fora da rotina e oferecem uma natureza especial aos dançarinos, protagonistas da festa. A ruptura do tempo do trabalho parece desempenhar um papel simbolicamente decisivo para a ressignificação das identidades subalternizadas.

As dinâmicas próprias da festa podem se refletir nas interações sociais posteriores. Não é incomum a festa ser o motivo de ruptura de jovens casais. A decisão das mulheres de participar de um evento contra a vontade dos companheiros pode assinalar simbolicamente a ressignificação dos valores que embasam o relacionamento a partir desse tempo de exceção. A festa, portanto, pode desempenhar um papel decisivo na vida de muitas pessoas. O sistema patriarcal que norteia as vidas nesse meio do interior fluminense sofre um impacto de outros valores no período da festa. O mundo exterior da cidade grande entra nessas comunidades como uma força especialmente desordenadora.

O elemento de aglutinação identitária pode ser também um aspecto de ruptura para as existências individuais, particularmente a das mulheres, que assumem maior autonomia e independência a partir da festa. Por desempenharem um papel simbolicamente decisivo em momentos como aquisição, preparação do vestuário e desfile, as mulheres conquistam um lugar protagónico que pontualmente desestabiliza a ordem dominante, permitindo ou fomentando que se possa repensar a relação entre valores da comunidade e os valores do mundo exterior.

Na origem da festa, já se sobressaia a categoria de agência feminina vinculada à subversão da ordem. Uma festa instituída por uma cultura patriarcal acaba por levar a um reconhecimento do papel central na organização e na própria apresentação pública da quadrilha.

Após o desfile, o retorno pra casa é feito em transporte público ou de ônibus alugado pela organização. O assunto das conversas é ainda a performance dos integrantes e como ela foi vista pelos jurados. Concluídas as festas e depois de comemorados ou superados os resultados, é o momento de se reincorporar aos trabalhos e papéis assumidos nos demais dias do ano.

5 OS SENTIDOS DAS LETRAS DE MÚSICA

Ao aprender a interagir com uma profusão de culturas materiais, o indivíduo cresce aceitando as normas que nós chamamos cultura.

Daniel Miller

Desde o surgimento das primeiras quadrilhas juninas, um mundo particular de músicas, cantores, grupos e ritmos surgiu. Tão importante quanto todo o processo de construção da apresentação junina, suas coreografias e temas são suas músicas, o repertório escolhido para os seus 30 minutos de apresentação durante a temporada junina.

Em geral, as músicas são escolhidas para englobar e representar o tema apresentado naquele ano pela sua junina. O leque de possibilidades para essa escolha é gigantesco, de artistas muito consagrados, até os menos conhecidos. Para os grupos juninos, este conjunto de ritmos são conhecidos como arrasta-pé.

A escolha do repertório é feita minuciosamente. Além de estar de acordo com a temática proposta pelo grupo, também se faz necessário que traga pontos pertinentes a raiz cultural do movimento, bem como diga respeito ao contexto geral da apresentação.

Dentre os cantores e compositores, podemos destacar alguns que, por sua notoriedade, são chamados/considerados mestres e suas obras, hinos do São João. São eles: Alceu Valença, Luiz Gonzaga, Zé Ramalho, Dominginhos, Luiz Paulo (Sanfoneiro de Aracajú), Alcymar Monteiro, Gonzaguinha, Genival Lacerda, dentre outros mestres que fizeram e fazem história no movimento. Apesar da predominância masculina, não podemos deixar de destacar as vozes inigualáveis de Amelinha e Elba Ramalho, que marcam até hoje os arraiais.

Com o passar dos anos, os grupos juninos passaram a produzir suas próprias músicas, personalizando sua trilha sonora, como é o exemplo da música “Chora Sanfona”, da Grupo Folclórico Coração Caipira de Roraima, ou simplesmente criavam uma nova versão para músicas já consagradas. Essas versões são bem populares nas quadrilhas juninas cariocas, sendo produzidas principalmente por um grande nome do movimento junino carioca, Arthur Franco, dono e presidente da Quadrilha Tucanada e do Arthur Stúdios.

Grandes bandas nordestinas também deram seus nomes emplacando grandes sucessos do São João, como Mastruz com Leite, Canário do Reino e Banda Patrulha. Para ilustrar estes ritmos musicais tão particulares, trarei a seguir algumas letras de música conhecidas tanto no movimento junino carioca quanto no São João país a fora.

Começo esta lista com uma música singular do Sanfoneiro de Aracaju, Luiz Paulo, “Quadrilha é cultura” de seu segundo CD “Cada vez melhor”, de 2007. Essa música virou tema

de muitas quadrilhas ao longo do anos, por sua letra simples, que engradece a cultura junina e foi ainda música oficial do concurso de quadrilhas em Sergipe, CD de 2008. Com sua letra simples e de fácil reprodução, a música de Luiz Paulo trouxe leveza e valorização às apresentações e foi ouvida por muitos arraíás.

QUADRILHA É CULTURA

(Letra e música de Luiz Paulo)

Alegria do São João são as quadrilhas
Sem quadrilha o São João perde o seu brilho
A nossa alegria é sem igual (é sem igual)
No clube, na praça, no arraial
Nós cantamos, nós dançamos, nós gritamos
Quadrilha é cultura, é tradição imortal
Viva quadrilha (ei) 3x
E viva São João
Viva quadrilha (ei) 3x
Do litoral ao Sertão

Um clássico do São João que jamais poderia ficar de fora do meu trabalho é “Frevo mulher”, minha favorita. Podemos considerar que esta música é a mais executada no Brasil no período junino ao longo dos tempos. “Frevo mulher” é um clássico tocado em 10 a cada 10 festas juninas. Ela possui inúmeras regravações desde o seu lançamento em 1979, mas é na voz de Amelinha que ela atingiu o auge da difusão. A composição traz em seu nome ninguém menos do que Zé Ramalho. Considerada uma das suas obras-primas, “Frevo mulher” foi a música mais executado do ano de seu lançamento.

Zé Ramalho é conhecido por suas metáforas exóticas nas letras de suas músicas e “Frevo mulher” não é diferente. O diferencial desta composição está exatamente em sua musa inspiradora, Amelinha, com quem fora casado de 1978 a 1983 e tivera dois filhos. Vamos à letra:

FREVO MULHER

(Composição de Zé Ramalho cantada por Amelinha)

Quantos aqui ouvem, os olhos eram de fé
Quantos elementos amam aquela mulher
Quantos homens eram inverno, outros, verão
Outonos caindo secos no solo de minha mão
Gemerão entre cabeças, a ponta do esporão
A folha do não-me-toque, o medo da solidão
Veneno meu companheiro, desata no cantador
E desemboca no primeiro açude do meu amor
É quando o tempo sacode a cabeleira
A trança toda vermelha

Um olho cego vagueia procurando por um
 É quando o tempo sacode a cabeleira
 A trança toda vermelha
 Um olho cego vagueia procurando por um

Adiciono a esta listagem uma música autoral do Grupo Folclórico Coração Caipira, “Chora sanfona”. Esta foi a música tema do grupo no ano de 2010 e nos dias atuais é considerada o hino do quadrilheiro junino.

CHORA SANFONA

(Grupo Folclórico Coração Caipira;
 Composição de Francisco Araújo Chaves)

Chora sanfona
 Que emociona o meu coração
 Chora sanfona
 Que o soluço do teu choro é uma canção
 Chora sanfona
 Que faz o caipira chorar
 Chora sanfona
 Que o teu choro contagia o arraiá
 E nos acordes eternos
 Nos zabumbar dos refrões
 O tum tum tum do meu peito
 Tirintintin nas canções
 Melodias que encantam
 Se espalhando pelo ar
 Emocionam e arrepiam
 E faz o caipira chorar
 Eu sou quadrilheiro
 Com muito orgulho
 Sou coração
 Eu sou!
 Eu sou quadrilheiro
 Bato no peito
 Sou coração
 E o sanfoneiro
 Zabumbeiro
 Triangueiro
 Tão botando pra quebrar
 Vem no compasso dessa dança
 Bate o pé nessa festança
 Eu quero mesmo é quadrilhar

Como não poderia deixar de listar, a próxima música desta seleção é uma música autoral do grupo junino Forró Bodó, meu grupo, no ano de 2017. Esta música foi utilizada na temporada do referido ano para a apresentação do casal quadrilha, o casal que representa o grupo nos *rols* de destaques.

Durante os torneios de ensaio, foi nossa música de entrada a qual falávamos determinado trecho como “Avisa lá que a Forró Bodó voltou”, pois o grupo estava afastado dos arraiás desde o ano de 2014.

BRILHO NATURAL

(Grupo Folclórico Forró Bodó;

Composição: Paulo Henrique e Neno, em memória)

Forró Bodó tem um brilho natural
 E ainda é original, suas raízes conservou
 Dançar forró, curtir um baião da pesada
 Que quadrilha arretada, ela quem me conquistou
 A Forró Bodó do Rio é uma quadrilha de valor (oh, oh, oh, oh, oh, oh)
 São muitos anos de alegria, de conquista e muito amor (oh, oh, oh, oh, oh, oh)
 A Forró Bodó é raça, tradição e união (oh, oh, oh, oh, oh, oh)
 Com garra, paz e muita fé para brincar no São João (oh, oh, oh, oh, oh, oh)
 Forró Bodó tem um brilho natural
 E ainda é original, suas raízes conservou
 Dançar forró, curtir um baião da pesada
 Que quadrilha arretada, ela quem me conquistou
 Ela chegou botando fogo no salão
 Abrilhantando o São João
 Essa quadrilha é muito unida
 É no forró, arrasta pé ou no xaxado
 Ver o povo animado
 Essa Foró Bodó é show
 Oh, oh, oh, oh, oh, oh nós dançamos com fervor
 Oh, oh, oh, oh, oh, oh avisa lá que a Forró Bodó chegou!
 Até o céu se iluminou
 Ao ver essa galera no salão
 Sou componente da Forró Bodó
 E dançamos com amor no coração
 1, 2, 3

6 CAMINHO DA ROÇA

Sexta-feira. O dia amanhece como aquelas típicas manhãs de inverno, com sol, mas gélida. Mas para mim não é uma manhã qualquer, hoje a noite tem arraiá. Me arrumo para o trabalho como todos os dias, mas hoje, uma bolsa a mais condena que não volto logo para casa. Nela estão as maquiagens, purpurinas, pedrinhas, cílios postiços e enfeites para a preparação para a noite que está por vir. O casaco, não posso esquecer. A noite faz frio - muito frio - por isso mandei fazer um roupão/casaco de manta, aquelas de se cobrir para dormir, quentinhas, para as noites de São João.

Minha mãe adentra o quarto escuro, enquanto organizo as coisas em cima da cama, e para à porta. Embora a luz do dia clareando lá fora já esteja começando adentrar a janela sem cortina, as Catarinas, minhas filhas, ainda dormem e não posso acender a luz para não acordá-las. Olhando de canto para todos os itens em cima da cama, minha mãe reveza o olhar estreito entre mim e a bagunça organizada que aos poucos vai se formando em cima da minha cama. Ela não gosta de quadrilha. Nunca gostou. Então todo final de semana de apresentação as discussões se repetem, pois eu deixo as meninas em casa com ela para ir quadrilhar.

Ela grita, briga, xinga e diz que “é muito engraçado”. Aquelas frases de mãe, sabe? Só que agora são frases de mãe para mãe. Não é sobre me aproveitar dela ou qualquer outra coisa, não. É apenas questão de confiança. Confio nela mais de que em qualquer outra pessoa para confiar as vidas mais importantes da minha existência.

Depois das bolsas arrumadas, agora é a hora de arrumar as malas, literalmente. Na varanda de casa, um varal improvisado sustenta saias e anáguas coloridas, tem azul, lilás, verde com laranja. Após uma noite de apresentações, as roupas ficam muito suadas e podem cheirar mal, é necessário expô-las ao sol no dia seguinte e borrifar um pouco de amaciante para melhorar o odor. Não podem ser lavadas, pois levam muitos adereços pedrarias e tudo isso sairia na água junto da sujeira. Geralmente esses acessórios são colados e mês que se utilize cola própria para tecido, descolar, conforme a frequência de uso, é inevitável. No dia da próxima apresentação, penduramos novamente para ver se está tudo certo com a costura, pedrarias, fitas de amarrar.

Em um cabide pendurado também no varal, está meu corpete, feito em tecido de elastano que se adequa ao corpo, como aqueles de artistas circenses, que precisam de grande liberdade de movimento. O meu tem uma cor que se aproxima ao tom da minha pele e é todo bordado em renda azul e pedras em tom azul escuro, azul claro e prata.

Uma caixa de papelão sob uma mesa próxima, está minha coroa, eu sou a rainha. Ela tem uma inspiração na coroa de Nossa Senhora Aparecida. Na quadrilha, as coroas, chapéus e adereços de mãos são acessórios extremamente importantes no momento da apresentação e, acredite ou não, são os mais fáceis de serem esquecidos em casa também. Se o acessório estiver faltando e for percebido pelo jurado que estiver julgando aquela apresentação, todo o grupo perde pontos e isso pode custar a classificação ou mesmo o troféu de campeão.

Geralmente, quando saio de casa para uma noite de apresentações, já saio vestida com o sapato, meia calça e calçolão¹ azuis, mas como hoje terei de ir à concentração direto para o trabalho, estes itens estão na bolsa, juntamente dos outros.

Após conferir item a item, coloco tudo dentro da mala, bem arrumado e organizado, pois nada pode ser esquecido. Deixo a mala preparada, pois quem vai levá-la para mim são minha irmã e cunhado. E assim, com tudo pronto e contragosto de mamãe, dou um beijo nas meninas que ainda dormem e saio de casa para ir ao trabalho, sabendo que só retornarei à casa no sábado pela manhã.

O sol da manhã ainda está frio, caminho poucos metros rumo ao ponto de ônibus e vejo alguns vizinhos na rua, de casaco, meias e chinelo. As bandeirinhas estão começando a ser penduradas na rua de um lado a outro, o arco feito de bambu já está posto no início da rua e a direita, no campinho, os pedaços de madeira já tomam a forma de uma fogueira que logo mais será acesa. É festa na vizinhança.

Depois de algumas horas de engarrafamento, chego ao ponto do meu destino, passarela 12 da Avenida Brasil. Ainda tenho que caminhar alguns minutos até a empresa. No trajeto, passo por um restaurante em que costumo almoçar. Ao longe, o dono, cujo apelido é Careca, me avista e já consigo ouvir uma música muito familiar. Quando me aproximo um pouco mais, ele grita “Oh, sua música”, e aponta para o ouvido no intuito de que eu ouça também. É “Frevo mulher”, na versão de Zé Ramalho, minha favorita. Sexta-feira é dia de *happy hour* no restaurante, hoje será temático: Quadrilha.

Chegando ao trabalho, pela quantidade de bolsas que carrego, minhas amigas pelo interfone já dizem: “hoje tem dança, né?”. Sim, hoje tem dança. As horas do dia parecem se arrastar. Não é a primeira apresentação da temporada junina, massa cada uma é uma ansiedade boa que nos consome.

Pouco antes das 17h da tarde, começo a minha preparação. Preciso estar na concentração às 19h e lá não terei tempo ou espaço para me arrumar, então começo aqui. Visto a meia calça, o calçolão e calço os sapatos, todos azuis. Quando saio de casa, geralmente vou de chinelo e só

calço os sapatos na hora da apresentação, mas já vai ser estranho uma pessoa toda de azul no ônibus em pleno horário de rush, de chinelo ainda não dá.

O mais difícil e demorado de tudo é a maquiagem. No mundo junino, a maquiagem deve estar sempre impecável e em harmonia com sua indumentária. Brilhos, pedrinhas, purpurina, cílios postiços são alguns dos itens sempre presentes na minha maquiagem, mas o que não pode faltar é o meu batom, o qual combina com toda a minha indumentária azul deste ano.

Pouco depois da 17h, estou pronta e é a hora de ir. Quando saio do banheiro, minhas amigas de trabalho me olham boquiabertas, poucas delas já viram-me dançar e/ou maquiada par tal finalidade. É hora de ir. Os olhares na rua são inevitáveis, minha roupa é atípica para o que as pessoas estão acostumadas diariamente e a maquiagem seria considerada forte demais para um fim de tarde. Embora o vento esteja gélido, ainda faz sol e fazem os sapatos reluzirem sob sua luz.

Ao passar pelo restaurante do Careca, as bandeirinhas já estão penduradas, um moço com sua barraquinha já está do lado de fora com milho cozido, bolo de milho e curau1 e as músicas que me são tão familiares continuam a tocar. Próximo dali, há uma escola municipal e os alunos estão de saída. Já vejo muitos à minha frente e ao meu lado. Um grupo de uns quatro ou cinco para no Careca e um deles pergunta se vai ter quadrilha na festa. Dizem que gostam de quadrilha. Estou passando próximo o suficiente para ouvir e abrir um sorriso de contentamento ao constatar que nossa juventude da periferia ainda conhece quadrilha.

Ao me ver, esse mesmo grupo me aponta e começa um burburinho. Falam da minha roupa azul, da maquiagem e as meninas comentam do batom. Minhas colegas de trabalham comentam que falam de mim quando eu ouço: “Ei, moça de azul, pode tirar uma foto comigo?”. Olho para trás, uma menina franzina de cabelos encaracolados e uniforme escolar caminha na minha direção. Eu sorrio e respondo que eu não estou pronta, é só minha roupa de baixo. Ela diz que não tem problema e entrega o celular a uma das minhas amigas, pedindo que tirasse a foto. Me abraça e sorri. Após a foto, ela sorri e diz que estou muito linda. Eu agradeço e me viro, quando ouço seus amigos vindo atrás e pedindo para tirar fotos também.

Após a sessão improvisada de fotos e todos os elogios dos estudantes, sigo até o ponto de ônibus conversando sobre as apresentações da noite. Ao pegar o ônibus com destino a concentração do meu grupo, noto as pessoas me olhando, alguns olhares curiosos, com ar de riso ou mesmo de espanto. Sento-me em um dos primeiros bancos do ônibus, na janela, do lado esquerdo. Ao ver meu reflexo na janela, dou um sorriso e entendo o motivo dos olhares, meu batom é azul.

Após aproximadamente uma hora e meia de viagem e um pouco de engarrafamento, chego de Ramos, Zona Norte, à Santa Cruz da Serra, Baixada Fluminense. São quase 19h e o programado é para sair 19:30, nossa primeira apresentação é às 21h em outro bairro da Zona Norte.

Com os atrasos de sempre, chegamos em Grajaú por volta das 21:25, com apenas 10 minutos para nos arrumar e começa a correria. Roupas espalhadas pelo chão da calçada em que fica uma agência bancária. Ao lado, também há caixas, malas, fitas e muitas outras coisas que têm a sua importância no processo de preparação da festa.

Esta apresentação é em uma festa junina organizada pela prefeitura em uma praça. Há barraquinhas com comidas típicas, balões de gás hélio, crianças correndo com seu milho cozido na mão e pessoas, muitas pessoas. A parte mais complicada é antes das apresentações quando há muita gente reunida. Temos que passar no meio de todos para chegar ao local da apresentação. O difícil é não parar para as fotos que nos solicitam e estar sempre sorrindo.

Ao final dos 30 minutos de nossa apresentação, é a hora das fotos. Pessoas de todas as idades chegam até nós com um sorriso no rosto, elogiando, dizendo que a apresentação foi linda e que estávamos dançando muito bem. Um de nossos espectadores me alerta para algo em meu rosto, ao passar a mão, é sangue. Imediatamente, com ajuda do meu cavalheiro, desamarro minha coroa e noto que um pedacinho do forró da ferragem descolou e me deu um leve corte na testa. Nada grave, mas é preciso recolar o forró.

Após tirar e guardar nossa roupa, voltamos para o ônibus e partimos para nossa próxima apresentação. No sacolejar do ônibus, com o auxílio de um bastão de cola quente e um isqueiro, eu tento colar, da melhor maneira possível, o emborrachado do forro à estrutura da armação de ferragem. Com linha e agulha, dou uns pontinhos de costura improvisada para que fique mais firme e não machuque mais, pelo menos por esta noite.

Chegamos no segundo arraiá, em Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio. São onze e meia da noite e, apesar de ser em bairro nobre, nossa apresentação é em uma comunidade, no morro Dona Marta. Paramos em uma das entradas e já é possível avistar alguns homens armados. Nosso presidente caminha até eles para se identificar de forma que eles autorizem nossa subida. Não tem como o ônibus subir. Então, iremos andando e carregando nossas alegorias e malas. A ladeira é bastante íngreme e o peso das nossas coisas não ajuda muito. Após uma subida de aproximadamente 7 minutos, chegamos à quadra onde será nossa apresentação.

Há um outro grupo na nossa frente e teremos de aguardar, provavelmente só dançaremos por volta de 1h da manhã. Ao contrário da festa anterior, aqui seremos avaliados. Esta

apresentação faz parte do nosso circuito de competição. Distrações e erros não podem acontecer, pois nos custariam pontos valiosíssimos para a classificação final.

As 2:00 da manhã já estamos no ônibus novamente, ainda temos mais duas apresentações essa noite. Partimos para a comunidade Vila do João, no Conjunto de Favelas da Maré. As danças por lá são sempre muito animadas e divertidas. As pessoas gostam, participam e interagem com o grupo. As festas na comunidade não fazem parte do nosso circuito de competição, mas são praticamente obrigatórias para uma grande parte dos grupos juninos do Rio de Janeiro.

Para nossa locomoção, dependemos de ônibus. O presidente da associação de moradores da Vila do João consegue o ônibus para os grupos por menos da metade do valor que seria cobrado normalmente. Em troca, os grupos precisam ser apresentar em todas – ou quase todas – as festas que ele organizar na comunidade. E assim nos fazemos.

Tudo correu bem em nossa chegada e na apresentação. Entretanto, na hora de partir, sem saber ao certo o que estava acontecendo, ouvimos tiros, muitos tiros. Já estávamos afastados do local da festa, pois, como de costume, não era possível a entrada do ônibus mais perto do local do evento. O som dos disparos estava cada vez próximo de nós. À medida que avistamos o ônibus, percebemos que ele era a única coisa que estava entre os projéteis que vinham de um lado e de outro. Tentamos nos abrigar nos arredores, nos becos mais próximos, enquanto a preocupação aumentava, pois alguns dos nossos haviam saído na frente dos outros e possivelmente já estariam dentro do ônibus.

O que parecia não acabar nunca durou aproximadamente 40 minutos. Quarenta longos e aterrorizantes minutos, quando finalmente fomos avisados de que os rivais haviam ido embora (se é que realmente foi o que aconteceu). Nosso presidente começou a contagem dos componentes, a fim de verificar se todos estavam presentes e bem.

Nosso ônibus foi atingido por alguns disparos, tivemos vidros quebrados, mas ninguém se feriu e não tivemos grandes prejuízos em nossas indumentárias e alegorias. O presidente da associação nos pediu desculpas pelo ocorrido e nos forneceu água com açúcar para o nervosismo, alguns lanches e disse que depois conversaria, caso houvesse algum dano maior e que seria responsável pelos problemas no ônibus.

A última apresentação da noite não era muito longe dali, mas já estávamos muito atrasados. Por ser uma apresentação do circuito competitivo, possivelmente seríamos punidos ou até mesmo desclassificados. Atrasos não são permitidos. Chegamos à Quadra da Imperatriz Leopoldinense por volta das 4:20 da manhã, nossa apresentação estava marcada para 3:10: uma hora de atraso, portanto. Ainda havia alguns grupos para se apresentar, mas a nossa vez já tinha

passado. Nosso presidente foi conversar com os jurados avaliadores e explicar toda a situação na tentativa de ao menos não sermos desclassificados e deu certo. Ele disse que poderíamos esperar e nos apresentar após o último grupo.

A Quadrilha Forró Bodó era conhecida por ser “a quadrilha do bacurau”, pois geralmente nossas apresentações eram sempre próximo ao amanhecer e nesse dia não foi diferente. Quando começamos a nos arrumar, faltava metade do tempo de apresentação da quadrilha em quadra. O sol já raiva, era por volta das sete da manhã. Os vizinhos da quadra voltavam da padaria com seus sacos com pães e paravam, sorrindo a nos observar. A essas horas, não havia mais plateia, todos já haviam ido, éramos apenas nós, jurados e alguns poucos curiosos.

No fim da apresentação, fomos aplaudidos de pé pelos jurados e, ao nos virar, nos deparamos com pelo menos duas dezenas de pessoas com seus pães à mão, carrinhos de feira, roupas de academia e uma ou duas até a caminho do trabalho. Estavam passando, viram o movimento e decidiram apreciar. Passando pela porta de saída, para me trocar, uma senhora com seu carrinho de feira me disse que não havia nada melhor do que começar a manhã de sábado com aquela oração. Toda a nossa apresentação falava de fé, devoção e era realmente emocionante. Reconhecimentos assim fazia tudo valer a pena.

Chegamos à casa pouco mais das dez da manhã. O sol do fim de junho já estava quente e brilhando no céu. Após tirar todas as roupas e colocar para arejar o suor da noite, era hora de dormir, mas não muito. Sairíamos ao meio dia, às 15h temos uma apresentação na Feria de Tradições Nordestinas, em São Cristóvão. Seguimos o caminho da roça...

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos, orgs. **As festas e os dias**: ritos e sociabilidades festivas. Rio de Janeiro: Cintra Capa, 2009.
- DAMATTA, Roberto. **Conta de mentiroso**: sete ensaios de antropologia brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón; orgs. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 223-246.
- LABRIOLA, Rodrigo. **A fome dos outros**: literatura, comida e alteridade no século XVI. Niterói: EdUFF, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de; orgs. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- TENNINA, Lucía. **Cuidado com os poetas**: literatura e periferia na cidade de São Paulo. Trad. Ary Pimentel. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ZAMITH, Rosa Maria. **A dança da quadrilha na Cidade do Rio de Janeiro**: sua importância na sociedade oitocentista. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, 2007.